

# A RELIGIÃO NO CONTEXTO DE CRISE DE SENTIDO DA MODERNIDADE

*Rômulo Gomes de Oliveira*

---

OLIVEIRA . Rômulo Gomes de. A Religião no contexto de crise de sentido da Modernidade. **Rhema**, Belo Horizonte, v. 14, ns. 45/46/47 (Edição Unificada 2008), p. 199-211. 2008.

---

## RESUMO

O presente trabalho visa a apresentar uma interpretação possível para a crise de sentido emergente na Modernidade. Tal crise significa, sinteticamente, a descrença na construção de uma sociedade sólida, fundamentada sobre valores universais e orientada em seu presente para um futuro em que reina a paz, a liberdade, a igualdade e a fraternidade – para recordar o lema de um novo mundo anunciado com a Revolução Francesa – como frutos do progresso “profetizado” por August Comte ou que surja de modo espontâneo, por parte de cada cidadão do globo. Mesmo que a religião tenha um papel significativo na produção da crise de sentido, Berger e Luckmann não atribuem a ela o protagonismo da mesma, mas, sobretudo, o papel de uma das vítimas atingidas. O pluralismo característico da Modernidade lança-se, historicamente, como forte fator desencadeador de questionamentos que abalam as estruturas individuais e coletivas de sentido. Cabe, então, saber qual o lugar social da religião, deslocado no período moderno, e qual a relação entre a religião e a crise de sentido moderna.

## I. INTRODUÇÃO

As noções teóricas basilares para a compreensão tanto da sociedade em geral como da religião enquanto fenômeno social têm como base principal, não exclusiva, o pensamento de Peter Berger. O desenvolvimento da parte referente à relação entre religião e crise de sentido nas sociedades modernas, entretanto, apóia-se no trabalho conjunto entre este e Thomas Luckmann.

Ainda que a religião contribua com a crise de sentido, mesmo em períodos precedentes à Modernidade, Berger e Luckmann não a enfatizam como produtora dela, mas como instância social afetada. A Modernidade, enquanto marcada por um pluralismo próprio, estende-se na história como fase humana desencadeadora de questionamentos que abalam as estruturas individuais e coletivas de sentido. Com isso, o lugar social da religião é deslocado no período moderno. Cabe saber qual é este lugar e qual a relação entre a religião e a crise de sentido.

Para tanto, é preciso conhecer algumas facetas da constituição social, o que pode ser feito com o aparato teórico da sociologia de P. Berger. Segundo ele, a sociedade é um fenômeno humano de natureza fundamentalmente dialética, visto que, por um lado, sua realidade é produzida pelo sujeito e, por outro, essa produção manifesta-se com certa autonomia, reagindo até coercitivamente em relação àquele que a produziu. Assim, todo o mundo institucional – cada instituição em particular – resulta da objetivação contínua da atividade humana.<sup>1</sup> Esse processo dialético se concretiza em três momentos: 1. externalização – equivalente à expressão e ação humana no mundo, seja mecânica, seja intelectual, como contínuo desafio de torna-se o que é e, assim, desenvolver sua personalidade e

---

1 BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 1973, p. 87.

assimilar a cultura; 2. objetivação do mundo produzido – sendo que este ganha determinada autonomia, aproximando de uma realidade objetiva e as instituições criadas pelo homem resistem a ele; 3. internalização da realidade objetivada, por meio de uma dinâmica de socialização que permite a reintrodução do mundo objetivado na consciência individual.<sup>2</sup>

Outra noção cara à sociologia de Berger é a de “conversação”<sup>3</sup>, pela qual os sujeitos mantêm um constante processo de ordenação e nominação dos elementos sociais. Isso é fundamental para a afirmação da “plausibilidade”<sup>4</sup> do mundo. É por meio da conversação contínua e coerente que se dá a apropriação do mundo, em sua objetividade, pelo sujeito, dentro de um patamar considerado como real. Nesse ponto, pode-se destacar a relevância da comunidade religiosa em favor da manutenção da plausibilidade para o indivíduo que a ela pertença. A preservação da dimensão social da vida depende de seu caráter ordenado e significativo. Do contrário, impõe-se a anomia e o risco de perda de sentido. Como prevenção, a sociedade proporciona mecanismos de proteção de sua ordem.

A manutenção da ordem social e do sentido da mesma conta com outros dois mecanismos igualmente importantes, segundo Berger: a “legitimação” – conhecimento socialmente objetivado que justifica a ordem social e lhe confere dignidade normativa<sup>5</sup>; e o “controle social” – que se dá por meio de “práticas organizadas destinadas a silenciar dúvidas e prevenir lapsos de convicção”<sup>6</sup>.

---

2 BERGER, P. L. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 1985, p. 16, 22 e 23.

3 Ibidem. p. 29-30.

4 Id. **Rumor de anjos**: a sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 65.

5 BERGER, P. L. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 1985, p. 42.

6 Ibidem. p. 66.

## 2. DO “DOSSEL SAGRADO” AO “RUMOR DE ANJOS”: RELIGIÃO E SOCIEDADE MODERNA NA PERSPECTIVA DE P. BERGER

Em *O dossel sagrado*, Berger apresenta a religião “como projeção humana, baseada em infra-estruturas específicas da história humana”<sup>7</sup>, partindo de uma perspectiva empírica. Considerando a religião como um sistema simbólico fundamental dentre outros da humanidade, Berger a situa como “ousada tentativa de conceber o universo inteiro como humanamente significativo”<sup>8</sup>. Assim, a religião teria uma função nomizadora, acompanhada por outras de legitimação e de integração das experiências marginais ou anômicas. Por elas, o indivíduo sofre um processo de alienação, em que as instituições humanas são elevadas ao *status* ontológico, como se existissem por si, e aquele se esquece “que este mundo foi e continua a ser co-produzido por ele”<sup>9</sup>.

Também os fenômenos de crise são relidos dentro de um “quadro cósmico de referência”, impedindo a instalação do caos ou da anomia generalizada. Mas a religião apresentaria, por outro lado, uma função desalienadora, na medida em que traz em seu bojo uma “qualidade relativizadora, desmascaradora, desencantadora das pretensões do poder humano”, sendo capaz de propiciar ao indivíduo uma postura crítica ante o mundo<sup>10</sup>.

Deslocando-se dessa perspectiva sociológica mais geral e focalizando mais especificamente as relações da religião com a Modernidade, Berger começa por tratar do problema da “secularização”, caro a

---

7 Ibidem. p. 186.

8 Ibidem. p. 41.

9 Ibidem. p. 97.

10 Ibidem. p. 108-109.

Weber, um de seus inspiradores. Dessa forma, Berger aborda a crise de credibilidade da religião, vinculada a sua separação de diversos níveis sociais, num processo já mencionado e genericamente conhecido por “secularização”. Isto é, “o processo pelo qual setores da sociedade e da cultura são subtraídos à dominação das instituições e símbolos religiosos”<sup>11</sup>.

Os tempos modernos são marcados pela perda da antiga segurança daquelas estruturas religiosas que submetiam a quase totalidade das populações. Na análise de Berger, a Modernidade industrial abriu caminho a uma adesão voluntária, com enfraquecimento das estruturas de plausibilidade. As certezas subjetivas tornam-se frágeis na medida em que emerge uma condição de pluralidade de mundividências e de opções ao dispor dos sujeitos modernos. Isso tudo provoca a perda de evidência do mundo religioso, não mais garantido pela tradição.<sup>12</sup>

Contudo, a reflexão mais recente de Berger acentua outro aspecto da situação da religião no contexto da Modernidade. Ele ressalta a presença multifacetada de movimentos de contra-secularização marcados por grande vigor religioso. Afirma que

*algumas instituições religiosas perderam poder e influência em muitas sociedades, mas crenças e práticas religiosas antigas ou novas permaneceram na vida das pessoas, às vezes assumindo novas formas institucionais e às vezes levando a grandes explosões de fervor religioso.*<sup>13</sup>

Quanto à conversação, esta se realiza de modo diverso nas sociedades modernas, ditas pós-tradicionais, visto que os novos vínculos

---

11 Ibidem. p. 119.

12 BERGER, P. **Rumor de anjos**: a sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 80.

13 BERGER, P. A dessecularização do mundo: uma visão global. In: **Religião e Sociedade**, v. 21, n. 1, p. 10, 2001.

entre os sujeitos caracterizam-se pela presença de estilos, crenças e valores diversos, e se dão em situações de convivência e intercâmbio muitas vezes inevitáveis. Segundo Berger, o grande desafio é a posse e a manutenção de convicções fundamentais, sem, contudo, desviar-se para uma postura de absolutismo ou de relativismo.

Num balanço geral, pode-se dizer que há uma co-presença de movimentos religiosos com notável vigor, de um lado, e de tendências secularizantes, de outro.<sup>14</sup> Apesar das dilacerações da religião no período moderno, Berger consegue perceber o “rumor de anjos”, ou seja, sinais do sentimento de transcendência na sociedade concebida por muitos como secularizada. “O impulso religioso, a busca de um sentido que transcenda o espaço limitado da experiência empírica neste mundo, tem sido uma característica perene da humanidade (...). Seria necessário algo como uma mutação de espécie para suprimir para sempre esse impulso”.<sup>15</sup>

### 3. VILÃ, HEROÍNA E VÍTIMA: A RELIGIÃO E A CRISE DE SENTIDO NA MODERNIDADE

Certamente a característica mais perceptível do tão conhecido mal estar da civilização, tema explorado por autores pesquisadores de diversas áreas no século XX, é a nebulosa crise de sentido da Modernidade. Berger e Luckmann esforçam-se por circunscrever, ainda que indiretamente, o lugar, ou o papel da religião ante tal fenômeno percebido quase sempre como negativo. Será a religião causadora dessa crise? Será uma solução ou saída em relação à mesma? Ou será ela meramente uma vítima dentre tantas no mundo moderno?

---

14 Ibidem. p. 16-17.

15 Ibidem. p. 19.

Em conformidade com a análise conjunta de Berger e Luckmann (B & L), é possível afirmar que um fator importante de contribuição para o surgimento e difusão de crises subjetivas e intersubjetivas de sentido é a tentativa das instituições, dentre elas a religião, de vincular suas finalidades legitimadoras a valores ditos supra-ordenados. Isso pode, segundo os autores citados, gerar fórmulas vazias e ausência de motivações concretas para condutas que consideradas desejáveis ou benéficas. A lacuna de uma base comum de crédito permite a coexistência de variadas ordens de valores na mesma sociedade e, conseqüentemente, a existência de comunidades de sentido múltiplas, ocasionando uma situação de pluralismo. Fala-se, entretanto de “pluralismo moderno” quando este se desenvolve na sociedade como um dos valores supra-ordenados.<sup>16</sup>

Encontros e choques entre diferentes valores e concepções de mundo são praticamente inevitáveis. As sociedades modernas elevam aquele pluralismo à plenitude de sua expressão, gerando a necessidade de produção de valores elucidativos, como a tolerância, para que tamanha diversidade humana possa conviver. De qualquer modo, o pluralismo moderno é a causa básica da difusão daquelas crises de sentido. Onde o pluralismo se desenvolveu plenamente, ou seja, nas sociedades mais industrializadas, as ordens de valores e as reservas de sentido não são mais compartilhadas por todos os indivíduos. Ainda que um indivíduo seja incorporado num sistema supra-ordenado de sentido pela comunidade de vida em que cresce, tal sistema não será o mesmo de seus concidadãos.<sup>17</sup>

---

16 BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido**: a orientação do homem moderno. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 36.

17 *Ibidem*. p. 39.

Em especial no seio das religiões, quando a discrepância entre a comunidade de sentido esperada e a realizada torna-se muito grande, elas também podem passar a difundir as crises intersubjetivas de sentido. Segundo B & L, ocorre uma relação dialética de perda de sentido e nova criação de sentido mais explícita na religião. No decorrer da história, em geral, houve um grande sistema de sentido oferecido por uma única religião que abrangia determinada sociedade.

*Esta unidade entre indivíduo, sua sociedade e os deuses que encarnavam a mais elevada autoridade da ordem do mundo foi abalada por divisões religiosas em diferentes lugares e tempos. Isto já aconteceu bem antes dos tempos modernos (...) houve sempre renovadas tentativas de restaurar um sistema supra-ordenado de sentido em novas bases, talvez em âmbito menor (...). Com o conceito de cristandade tentou-se na Idade Média européia trazer todas as pessoas para dentro de um espaço de poder e mantê-las dentro de um único, comum e supra-ordenado sistema de sentido. (...) minorias conservaram seus sistemas simbólicos especiais – judeus, hereges (...). Às vezes, a unidade simbólica da cristandade foi interrompida por forças poderosas do exterior (Islã) ou do interior (Igrejas orientais, albigenses). Foi sacudida de modo mais violento pela reforma (...). A fórmula pela qual terminaram na Europa Central as guerras de religião – cuius regio, eius religio – foi a base da tentativa de restaurar uma unidade simbólica ao menos em pequenos domínios. Mas (...) a industrialização, a urbanização, a migração e a comunicação de massas não podiam dividir-se nitidamente em canais católicos e protestantes. (...) Assim, o conceito de regio perde seu sentido originalmente espacial na fórmula da paz de Vestfália.<sup>18</sup>*

Na era moderna, surgem comunidades subculturais, cujos vínculos religiosos se estabelecem em grande parte com caráter voluntário e por convicção pessoal. Entretanto, essas comunidades menores,

---

18 Ibidem. p. 41-42.



imersas num ambiente plural relativizante, não são capazes de oferecer a mesma segurança de sentido daquelas macroestruturas religiosas antigas. De qualquer modo, essas comunidades atuam contra uma difusão de crises de sentido na sociedade em que se agregam.

Com a modernização de uma sociedade, é quase que inviável o monopólio de sistemas localizados de valores e de sentido. Mas apenas com o advento da Modernidade é que foi possível a criação de comunidades livres, fundamentadas na convicção e de natureza supra-espaciais, que ultrapassam os muros políticos, geográficos e mesmo culturais. De acordo com B & L, provavelmente a causa principal da derrocada da ordem universal seja o recuo da religião, como aconteceu na história do Ocidente moderno com o declínio do cristianismo. Para os autores acima, a crise moderna de sentido nesta parte do mundo fora provocada por este fato. Em síntese,

*A tese básica dessa concepção, solidamente estabelecida na sociologia da religião como “teoria da secularização”, diz que a modernidade leva invariavelmente à secularização, no sentido de um dano irreparável na influência das instituições religiosas sobre a sociedade, bem como de uma perda de credibilidade da interpretação religiosa na consciência das pessoas. Assim nasce uma nova espécie histórica: “o ser humano moderno” que acredita poder se virar muito bem sem religião tanto na vida privada como na existência em sociedade.<sup>19</sup>*

Apesar de todas as marcas desoladoras dos tempos modernos, a equivalência entre Modernidade e secularização não deve ser superestimada. Pois a teoria convencional a respeito da secularização mostra seus limites nos campos extra-Europa Ocidental. São ilustrações disso a vivacidade da religião nos Estados Unidos, que não deixam

---

19 Ibidem. p. 47.

de ser uma sociedade moderna. Também o chamado Terceiro Mundo tem presente em seu meio social uma efervescência de movimentos religiosos. Assim como o islamismo se destaca na contemporaneidade com seu assombroso crescimento.<sup>20</sup>

Quanto à causa principal das crises de sentido na sociedade e na vida do indivíduo, B & L concluem, portanto, que não é bem o secularismo, e sim o pluralismo moderno. E com isso a própria Modernidade passa a ser entendida com um “aumento quantitativo e qualitativo da pluralização”. O pluralismo que marca esta época engendra um enorme relativismo não só dos sistemas de valores, mas da interpretação em geral. Destarte, dentro da sociologia, são criadas categorias, como “alienação” e “anomia”, visando explicitar “a dificuldade das pessoas de encontrar um caminho no mundo moderno”. Contudo, B & L criticam essa categorização redutora. Afirmam que se trata de um modo de pensar, cuja fraqueza se concentra na “cegueira quanto à capacidade que têm os indivíduos e as diferentes sociedades de vida e de sentido de preservar seus próprios valores e interpretações”. Porque a maioria das pessoas que vivem e constituem as sociedades modernas não estão vagueando sem rumo; “de uma ou de outra forma, com ou sem religião, as pessoas conseguem levar sua vida”.<sup>21</sup>

Um último assunto relevante para essa questão da crise de sentido é a perda da autoevidência. Em situações de “normalidade” (quando não há crise), o indivíduo considera que sabe como é o mundo, como deve se comportar nele, que expectativas razoáveis pode ter e, certamente, que existe e que o mundo existe. Com o pluralismo moderno esse conhecimento básico cai em descrédito e ocorre uma problematização tanto em nível micro – identidade e vida pessoal – quanto em

---

20 Ibidem. p. 48.

21 Ibidem. p. 50-51.

nível macro – sociedade e mundo. Nenhuma interpretação ou perspectiva pode ser aceita tranquilamente como única, inquestionável ou universal.

O funcionamento normal das instituições permite que o indivíduo exerça seus papéis sociais e conduza sua vida como cumprimento de “currículos de vida” com elevado grau de autoevidência. “As estruturas da sociedade tornam-se as estruturas da consciência”<sup>22</sup>. Mas na dinâmica de socialização há desde pequenas fissuras até mesmo, quando susceptível, rupturas de fato. E quando o mecanismo de “censura” não é capaz de constranger ou reverter os desvios do indivíduo ou de grupos, entram em cena programas institucionais para sanar o que e quem se desviou.

Importa ressaltar que o pluralismo dificulta em muito esse controle sócio-institucional. Isso pode ser considerado grave pelas instituições, já que sua força vital deriva da autoevidência, que então se esvai. Como o pluralismo gera tal situação? Basicamente, mas não só, lançando alternativas ante o sujeito, que é, automaticamente, induzido a refletir. E essa “reflexão solapa o fundamento de todas as versões de um ‘mundo curado’ – ou seja, de sua auto-evidência”.<sup>23</sup> Assim, esta fica reduzida a um núcleo mínimo, difícil de definir, na opinião de B & L. Se a autoevidência é, segundo estes, o campo do saber inquestionável, a perda da mesma significa a perda do conhecimento seguro e, conseqüentemente, a abertura para um campo tecido por opiniões. “Interpretações firmes da realidade tornam-se hipóteses. Convicções tornam-se questões de gosto. Preceitos tornam-se sugestões. Estas mudanças na consciência criam a impressão de certa superficialidade”<sup>24</sup>.

---

22 Ibidem. p. 56.

23 Ibidem. p. 58.

24 Ibidem. p. 60.

O pluralismo moderno fez ruir o monopólio das instituições religiosas. A pertença a uma ou a outra Igreja deixou de ser autoevidente para ser uma escolha consciente. Agora, as Igrejas precisam entrar num verdadeiro jogo de mercado, buscando atender aos desejos de clientes para que aceitem ser um de seus membros. Os membros comportam-se como consumidores em busca de sentidos satisfatórios para suas vidas particulares e coletivas.

#### 4. CONCLUSÃO

Nas sociedades modernas não é possível falar de uma ordem de valores única e necessária para todos, muito menos obrigatória. O indivíduo tem de superar as incertezas de sentido e a indecisão do julgamento moral. Isso tudo é um fato. De qualquer modo, a grande maioria dos indivíduos não parece viver sob a sombra de uma crise tenebrosa de sentido como muitos autores insistem em afirmar. O que se pode dizer, juntamente com Berger e Luckmann, é que a Modernidade, enquanto marcada por um pluralismo radical, aliado ao agravante de uma possibilidade de crítica a qualquer instância da existência, deixa perceber, a quem quer que ouse refletir mais profundamente sobre as condições da realidade, a ausência de um fundamento sólido e universalmente válido.

Berger, apoiado por Luckmann, permite concluir que a relação da religião com a crise de sentido moderna se dá em três perspectivas: como co-propiciadora da crise, como instituição atingida por ela e como abrandadora da situação. Sendo a religião a principal difusora de sentido (ao menos no âmbito meta-empírico), ao não dar conta de sustentar o mesmo ante uma sociedade em constante transformação, ela acaba por lançar os indivíduos numa situação de insegurança. Por outro lado, a religião é uma das vítimas da Modernidade. Atacada de

diversos anglos, ficou acuada a um espaço relativamente pequeno no todo social. A condição moderna impõe constantes desafios à religião, aos quais ela precisa responder com precisão e solidez, caso não queira ter seu espaço ainda mais reduzido ou desacreditado.

Enfim, a religião pode ser vista também como força social detentora das crises de sentido, na medida em que é constituída pelos próprios indivíduos da sociedade. Isso significa que a religião possui uma consistência interna mantida por uma realidade profunda do ser humano, ainda pouco conhecida. De qualquer modo, Berger e Luckmann sustentam, de certa forma, que a religião não deve ser menosprezada, rejeitada ou superestimada a partir da Modernidade. Isto porque ela tem se mostrado uma instituição humana altamente resistente na história e de natureza tão complexa, que inúmeras teorias e críticas não têm dado conta de delimitar. Além disso, a religião é um fator social de grande importância para a manutenção da integridade social, visto que “protege” o indivíduo e os grupos de crises de sentido, evitando que se estabeleça um caos tanto no nível psicológico individual quanto no nível social.

## REFERÊNCIAS

BERGER, P. L. A dessecularização do mundo: uma visão global. In: **Religião e Sociedade**, v. 21, n. 1, 2001.

\_\_\_\_\_. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião.** São Paulo: Paulinas, 1985.

\_\_\_\_\_. **Rumor de anjos: a sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural.** 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento.** Petrópolis: Vozes, 1973.

\_\_\_\_\_. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno.** 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2004.